



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - POLO DE GURUPÁ**

MARIA VANESSA DO NASCIMENTO MARTINS

**UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO ESCRITA DOS ALUNOS
DA MULTISSÉRIE (6º E 7º ANO) DA ESCOLA MUNICIPAL
DE ENSINO FUNDAMENTAL DIOGO MARTINS
(GURUPÁ/PA)**

Gurupá

Agosto – 2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - POLO DE GURUPÁ**

MARIA VANESSA DO NASCIMENTO MARTINS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura de Linguagens e Codigos Universidade Federal do Pará Campus Universitario de Altamira como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo: Linguagens e Codigos.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pires Dias.

Gurupá
Agosto - 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M379o Martins, Maria Vanessa do Nascimento

Um olhar sobre a produção escrita dos alunos da multissérie (6º e 7º ano) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Diogo Martins (Gurupá/PA) / Maria Vanessa do Nascimento Martins. — 2020.
19 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo Pires Dias
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2020.

1. Dificuldade. 2. Escrita. 3. Leitura. 4. Aprendizagem. I. Título.

CDD 410

UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO ESCRITA DOS ALUNOS DA MULTISSÉRIE (6º E 7º ANO) DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DIOGO MARTINS (GURUPÁ/PA)

MARTINS, Maria Vanessa do Nascimento

RESUMO: A finalidade desse artigo é refletir sobre as dificuldades na produção escrita dos alunos do 6º e 7º ano de uma turma multisseriada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Diogo Martins, localizada na comunidade extrativista Santo Antônio do Rio Uruaí. Temos como objetivo principal mapear e analisar as falhas de escrita que podem nos dar pistas de possíveis dificuldades no aprendizado dos educandos. Para o mapeamento das principais falhas no código escrito, foi realizada uma atividade de produção textual com e a partir dos dados obtidos foi possível ter uma visão das principais dificuldades que os alunos apresentam e que não foram sanadas no Ensino Fundamental I.

Palavras-chave: Dificuldade. Escrita. Leitura. Aprendizagem

1. INTRODUÇÃO

A dificuldade na produção escrita é um dos problemas que está presente ao longo da trajetória escolar de muitos alunos do Ensino Fundamental, de modo que isso chamou a atenção nas pesquisas de campo realizadas no âmbito do Tempo Comunidade¹, em que foram observadas de perto as dificuldades de escrita de alunos do 6º e 7º ano da turma multisseriada.

Percebemos essa dificuldade ao acompanhar os alunos na leitura e no momento da cópia dos conteúdos ditados e principalmente, quando o professor pedia para que eles fizessem a produção de textos em prosa. Nessa observação, notei que os alunos tem uma dificuldade bem relevante quando se trata da leitura, isso aponta um dos problemas

¹ As pesquisas de campo foram realizadas na comunidade Santo Antônio do Rio Uruaí. “De acordo com o PPC do Curso de Educação do Campo, no período do Tempo-Comunidade, os docentes do curso se deslocam até as comunidades onde vivem ou trabalham os estudantes para realizar o acompanhamento/monitoramento das atividades previstas para essa etapa, auxiliando-os na sistematização de dados da experiência, compartilhando com eles novas possibilidades de abordagem de um determinado tema, avaliando e contribuindo para a reestruturação dos instrumentos de coleta de dados, assim como para reelaboração de seus relatórios de vivência” (COORDENAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2017 p.23)

referentes as suas produções textuais a não serem coerentes. Pois quando não se tem o domínio da leitura a escrita não se desenvolvem com facilidade.

Um dos objetivos da pesquisa foi diagnosticar o que levava aqueles alunos a terem tamanha dificuldade na escrita e de que modo isso influenciava na qualidade das atividades apresentadas em sala de aula. Isso motivou a fazer um trabalho de produção textual naquela turma, para analisar quais as principais dificuldades que eles apresentavam, e a partir daí, buscar métodos para subsidiar o professor e que viessem a minimizar esse problema que se tornou tão comum na EMEF. Diogo Martins, o que acaba trazendo prejuízos enormes na aprendizagem dos educandos, que buscam por uma educação de qualidade no meio onde vivem.

Percebemos que é preciso que o indivíduo se aproprie efetivamente da escrita de forma clara, buscando sempre uma aprendizagem ampla, tarefa que começa nos anos iniciais, onde o hábito da leitura deve ser estimulado, pois é umas das ferramentas em que se estabelece um diálogo com o leitor, pois quando se tem o hábito de ler a facilidade é bem maior de escrever com proficiência, como afirma Cagliari “ aprende-se a ler e a escrever, lendo e escrevendo” (1998, p.104).

Leitura e escrita caminham sempre juntas, a escrita exige um desenvolvimento de habilidades específicas, nas quais a comunicação se dá por meio de códigos, em que o aluno precisa conhecer as letras e os sons que cada uma representa, se o educando não obter um bom conhecimento desde as séries iniciais, ele terá dificuldades para desenvolver a escrita em todo seu percurso escolar.

Assim, com leitura não é diferente, é necessário que o indivíduo pratique a leitura para aprimorar sua escrita e ampliar seu repertório linguístico, o que contribuirá para a melhoria das produções textuais.

Nesse sentido, é interessante que os educandos se apropriem da escrita sem deixar de dar ênfase à leitura, só assim se tornarão alunos proficientes na escrita de seus próprios textos, sem que tenham tanta dificuldade na escola. Para isso acontecer é preciso que as escolas e professores estejam preparados com conhecimentos e formações pedagógicas, pois só dessa forma encontrarão metodologias adequadas para cada tipo de dificuldade que os alunos apresentarem durante o processo de aprendizagem.

Para ajudar nessa reflexão, apresentaremos estudos, cujos autores discutem as dificuldades da escrita e o que os leva para a mesma. Os autores nos mostram muito sobre esse assunto e que essas dificuldades estão presente em muitas escolas, o que gera um problema grave de aprendizagem de alunos que chegam no ensino fundamental maior ou não estão plenamente alfabetizados. Será que é culpa da escola ou do professor? Dos pais ou dos próprios alunos?

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Sabemos que a escrita é um instrumento de fundamental importância quando se trata da educação dos nossos alunos, sabemos também que muitos alunos apresentam enormes dificuldades na expressão escrita e a escola tem enfrentado o desafio diário de fazer com que os alunos tenham o mínimo de proficiência nas habilidades de leitura e escrita. Essas dificuldades abrem espaço para inúmeras possibilidades de se trabalhar uma dinâmica interativa que facilite a aprendizagem dos educandos no meio onde estão inseridos, sem que se torne um obstáculo escolar.

Nesse sentido Simões destaca que:

Sabemos que o domínio das formas escritas não pode ser adquirido imediatamente; Ele se faz com a prática da língua: muitas leituras e muitas escritas. Contudo, há estruturas básicas da fonologia da língua que podem e devem ser assentadas desde as primeiras séries do ensino fundamental, para que o estudante obtenha pontos de partida para seu aperfeiçoamento, fundamentando sua prática de usuário da língua com uma boa dose de raciocínio linguísticos. (SIMÕES, 2006, p. 15).

Ter proficiência na escrita requer alguns pré-requisitos, que geralmente são trabalhados nas séries iniciais e aperfeiçoados ao longo do ensino fundamental, no entanto, nem todos os alunos, por algum motivo, conseguem se apropriar desses pré-requisitos, tais como consciência fonológica, coordenação motora fina desenvolvida, dentre outros. Além desses pré-requisitos, é preciso considerar que o processo de alfabetização é gradual, no qual o aluno constrói suas hipóteses e que há várias formas de se alfabetizar (cf. FERREIRO, 1996).

Por estarmos lidando com a escrita, especialmente do ponto de vista estrutural, cabe aqui delimitar o conceito de texto, que vai muito além das frases escritas no papel, como afirma Marcuschi (2008, p. 72):

O texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade, significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sociohistórico. De certo modo pode-se afirmar que o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo. Como Bakhtin dizia da linguagem que ela “refrata” o mundo e na medida em que reordena e reconstrói.

Dessa forma, podemos dizer que a escrita e a produção textual possuem certa complexidade e que é necessária a prática, e isso requer uma atenção especial desde a alfabetização, seguindo sempre com o aperfeiçoamento da leitura para adquirir uma boa escrita. Porém, essa atenção especial e esforço coletivo para que nenhum aluno fique para trás, não tem sido uma prática usual e os alunos acabam aprovados automaticamente sem a garantia de que eles tenham uma boa proficiência no âmbito da escrita.

A escola, sobretudo, a pública e do campo nem sempre oferece para a criança uma infraestrutura de qualidade, com profissionais capacitados e meios que incentivem os alunos a terem o hábito da escrita e da leitura nos anos iniciais. A falta de incentivo cria um bloqueio muito grande no desenvolvimento cognitivo dessas crianças, deixando-a sem perceber a importância que essas duas habilidades têm no processo de aprendizagem e de como eles são importantes na vida da criança.

Dessa forma, Simões afirma que: “(...) por isso a apropriação da leitura e da escrita, pela criança em especial, é um processo de alto grau de complexidade e requer do professor competência técnico-pedagógica específica, para que as dificuldades possam ser minimizadas” (SIMÕES, 2006 p.16). Considerando essa afirmação, percebemos que nas escolas do campo ainda há uma grande dificuldade em se ter um profissional capacitado para lidar com os desafios impostos pela leitura e escrita, já que em muitos casos, o professor não possui a formação acadêmica compatível com o nível de ensino no qual leciona ou seu vínculo trabalhista com a escola é frágil, ao ponto de impedir que ele se capacite de forma adequada ou tenha acesso aos materiais e métodos que poderiam contribuir para melhoria de sua prática.

Assim, Simões reforça dizendo sobre o quanto:

É óbvio o compromisso da escola com domínio da língua em seu registro padrão, o qual é manifestado, na escrita, pelo estilo formal [...] Assim, para o aluno, aprender a forma escrita no modelo da fala do professor é quase como aprender a

escrever em uma língua estrangeira. Então nasce as controvérsias (SIMÕES 2006 p. 47-48).

Muitos professores da educação básica chegam nas escolas com os conteúdos prontos sem ao menos conhecer seus alunos, suas origens e seus modos de vida, o que acaba gerando uma série de dificuldades para os alunos, pois para eles aquela maneira de aprender é desconexa da realidade em que vivem. Além disso, a concepção de linguagem do professor e a forma como ele enxerga o processo de apropriação da escrita influencia diretamente no tipo de atividade aplicada em sala, na avaliação, nas práticas de linguagem em sala de aula e nos objetivos de aprendizagem.

Nesse sentido Cagliari nos diz que:

É preciso conversar a respeito do que significa aprender a ler e a escrever, o que se faz com esses conhecimentos, em que sentido a vida e das pessoas se modifica depois que aprendem a ler e a escrever, quais as previsões de uso desses conhecimentos pelo resto da vida, fora da escola. [...] A escrita e a leitura têm muitos usos, que precisam ser discutidos ao longo do processo de alfabetização, e uma boa conversa deve acontecer antes mesmo do início das atividades de ensino e aprendizagem (CAGLIARI, 1998 p.107).

É preciso que haja um bom planejamento das atividades, visando valorizar os princípios de convivência cultural dos educandos e delimitar objetivos claros e mensuráveis, como: a) ao final do ano letivo, 75% dos alunos do 6º ano precisam compreender e interpretar textos em prosa satisfatoriamente; b) ao final do ano letivo, 90% dos alunos devem apresentar 60% de falhas na escrita a menos em relação ao primeiro trimestre. Sem metas e objetivos claros não há como mensurar o sucesso ou fracasso das práticas em sala de aula.

Na questão dos conhecimentos prévios, toda criança antes mesmo de ingressar em uma escola, já traz consigo uma bagagem de conhecimentos de sua língua materna do convívio familiar e comunitário. Cabe ao educador fazer o aproveitamento desse conhecimento da criança, como lembra, Simões sobre o homem e suas competências:

(...) o homem nasce apetrechado para tarefas cognitivas de alta complexidade; contudo, é preciso exercitar seu potencial para que tais tarefas sejam realizadas com êxito [...] Estas, por sua vez, resultariam do contato com o desconhecido, o novo, o diferente, a partir do que o homem seria provocado a descobrir, seria tentado a realizar algo (SIMÕES, 2006, p.104).

O aluno precisa sempre se sentir desafiado a cada conteúdo que o professor compartilha em sala de aula, pois é preciso dar a oportunidade de ser curioso de querer saber mais e de ampliar seus conhecimentos mediante as diferentes formas de aprender no âmbito educacional. Cagliari reforça ainda mais dizendo que:

Quando o professor começar a falar de escrita para a criança, precisa lembrar-se de que a maioria delas já tem informações a respeito. Se ele fazer com que elas explicitem essas informações, conversando a respeito do que já sabem, terá um bom motivo e um caminho interessante para ensinar a ler e a escrever. (CAGLIARI, 1998, p.118).

Dessa forma cabe ao educador saber conduzir seus alunos e promover práticas pedagógicas a partir de metodologias que lhe são cabíveis, tendo como objetivo principal alcançar o aprendizado pleno das convenções do código escrito e das práticas de linguagem, considerando o contexto social no qual o aluno está inserido, pois “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989).

A escrita é um importante instrumento de comunicação e é através dela que o indivíduo consegue se desenvolver e prosseguir na trajetória escolar. Para atingir um nível de uma “boa” escrita é preciso tomar conhecimentos das convenções da escrita, ter um amplo repertório vocabular, conhecimento de mundo (bagagem cultural), entender que fala e escrita fazem parte de um *continuum* e que a escrita é muito valorizada na sociedade dita letrada. De acordo com Cagliari.

Conhecer a natureza, a função e os usos da ortografia é importante ainda para entender as relações entre letras e sons e entre fala e escrita. A ortografia comanda a função das letras no sistema de escrita, estabelecendo a ordem dos caracteres nas palavras e o valor fonético de cada um deles de acordo com a linguagem oral. Além disso, estabelece como a linguagem oral deve ser segmentada para formar unidades da escrita, que chamamos de palavras. (CAGLIARI, 1998, p. 123).

A maneira como alguns educadores ensinam seus alunos a escrever nem sempre favorece o aprendizado, pois, esses educadores nem sempre são conhecedores da complexibilidade do ensinar a habilidade da escrita e por sua vez, desconhecem aspectos básicos da fonética e fonologia que são de suma importância para que os alunos dos anos iniciais compreendam determinadas convenções. Sobre esse aspecto, Cagliari destaca que, “Para ensinar alguém a ler e a escrever, é preciso conhecer profundamente o funcionamento da escrita, da decifração e como a escrita e a fala se relacionam” (CAGLIARI, 1998 p.130).

Dessa forma o professor deve saber como os usos da escrita funcionam e qual a melhor maneira de transmitir esses usos, de modo que os alunos consigam aprender de forma clara e objetiva, e a partir daí tomar conhecimentos para desenvolver uma boa escrita. É importante destacar que “não se ensina a fala no mesmo sentido em que se ensina a escrita, pois a fala é adquirida espontaneamente no contexto familiar e a escrita é geralmente em contexto formais de ensino”, (MARCUSCHI, 2007, p.33).

Pode se dizer que a fala oral e a escrita são essenciais para um desenvolvimento de compreender como cada uma funciona e que ambas as duas se complementam. Nesse sentido “a escola deveria aproveitar essa habilidade de percepção da fala que as crianças tem para explorar a linguagem oral cada vez mais e fazer com que essas análises se tornem conhecimentos solidariamente estabelecida” (CAGLIARI, 1998 p. 85). Isso seria fundamental para o aprendizado da criança, uma vez que é através da linguagem oral que partimos para a linguagem escrita, assim “as pessoas esquecem-se de que sem a linguagem oral se quer poderia haver linguagem escrita” (CAGLIARI, 1998 p.87).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo apresenta uma abordagem qualitativa, visto que trata da dificuldade de escrita no desenvolvimento de aprendizagem dos alunos do 6º e 7º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Diogo Martins. Partimos inicialmente de uma pesquisa bibliográfica, que ajudou a fundamentar as reflexões de leituras de textos. Nesse sentido, os instrumentos de pesquisa foram: aplicação de uma atividade de produção textual para os alunos da EMEF Diogo Martins, além dos dados coletados nas pesquisas de campo, no chamado Tempo Comunidade durante os estágios supervisionados.

3.1. Contexto e sujeitos de pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram os alunos do 6º e 7º ano e também o professor titular de língua portuguesa da turma multisseriada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Diogo Martins.

O local da pesquisa fica localizado em área de assentamento Ilha Grande de Gurupá, no rio Uruaí, na Comunidade Santo Antônio, área rural do município de Gurupá e que atualmente é habitada por 60 famílias que sobrevivem do extrativismo do açaí. É importante destacar que a comunidade está em uma área de várzea, com construções do tipo palafita e o acesso se dá por meio fluvial.



Figura 1 lado esquerdo da EMEF. D Martins. figura 2 copa e biblioteca da EMEF. D Martins. foto Vanessa,2020



Figura 3 frente da EMEF. D Martins foto Vanessa 2020

O prédio da escola é totalmente em madeira e conta com 04 salas de aula, 01 secretaria, 02 banheiros, 01 cozinha e 01 refeitório. A escola funciona somente no turno da manhã e possui um quadro pequeno de funcionários contratados; sendo 12 no total, 04 professores, desses, dois possuem licenciatura e dois estão em processo de formação, 04 barqueiros, duas merendeiras, 01 servente e 01 zelador, a escola conta, atualmente, com 84 alunos matriculados.

O sistema de abastecimento de água da escola se dá através da captação direta do rio e o sanitário está situado fora do prédio da escola. A energia elétrica é obtida por meio de um gerador e o lixo produzido na escola é descartado por meio de queima.

De acordo com o Censo Escolar de 2018, a escola possui a seguinte distribuição de alunos (matrículas): pré-escola (10), anos iniciais do Ensino Fundamental (38), Anos Finais do Ensino Fundamental (38) e Educação Especial (2). Os principais desafios

enfrentados pela escola é alto índice de reprovação e abandono escolar, principalmente nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Vejamos os dados de rendimento escolar nos Anos Iniciais e Finais do EF:

Imagem 1 – Taxas de rendimento dos Anos Iniciais na EMEF Diogo Martins.

Anos Iniciais	Reprovação	Abandono	Aprovação
1º ano EF	0,0% nenhuma reprovação	12,5% 1 abandono	87,5% 7 aprovações
2º ano EF	0,0% nenhuma reprovação	0,0% nenhum abandono	100,0% 6 aprovações
3º ano EF	0,0% nenhuma reprovação	0,0% nenhum abandono	100,0% 5 aprovações
4º ano EF	12,5% 1 reprovação	0,0% nenhum abandono	87,5% 7 aprovações
5º ano EF	45,5% 6 reprovações	0,0% nenhum abandono	54,5% 6 aprovações

Fonte: INEP (Censo Escolar, 2018)

Imagem 2 – Taxas de rendimento dos Anos Finais na EMEF Diogo Martins.

Anos Finais	Reprovação	Abandono	Aprovação
6º ano EF	43,8% 8 reprovações	18,7% 3 abandonos	37,5% 6 aprovações
7º ano EF	11,1% 1 reprovação	0,0% nenhum abandono	88,9% 9 aprovações
8º ano EF	33,3% 2 reprovações	0,0% nenhum abandono	66,7% 5 aprovações
9º ano EF	0,0% nenhuma reprovação	0,0% nenhum abandono	100,0% 7 aprovações

Fonte: INEP (Censo Escolar, 2018)

Como é possível observar, na transição dos Anos Iniciais para os Anos Finais ocorre o aumento da taxa de reprovação e conseqüentemente do abandono escolar (como

os 3 abandonos no 6º ano EF). Com elevadas taxas de reprovação e abandono, a escola sofre também com o aumento da distorção idade-série, que chega a 88% no 6º ano do EF, de acordo com o Censo Escolar de 2018, o que vai influenciar na aprendizagem desses alunos e que pode acarretar em prováveis evasões. A seguir veremos detalhes da sequência didática aplicada na sala de aula.

3.2. A sequência didática

Para mensurar quais as principais falhas e dificuldades na escrita dos alunos da E.M.E.F Diogo Martins, buscamos trabalhar a produção de um texto em prosa, com linguagem adequada à faixa etária dos alunos, sobre uma temática que dialogasse com o contexto deles, no caso, o contexto amazônico: “O desmatamento na região Amazônica”, considerando que na época da aplicação da atividade (no 2º semestre de 2019), muitas áreas da Amazônia paraense estavam sofrendo com o aumento das queimadas e batendo recorde de desmatamento, inclusive com a “conivência” do próprio Governo Federal. Para enriquecer o debate em sala de aula, apresentei um vídeo sobre o desmatamento e suas consequências, vídeo da professora de Geografia Larissa Mesquita do *site* Brasil Escola, para uma melhor compreensão do assunto. Ao final da sequência didática, fiz a leitura de alguns textos dissertativos sobre o tema e solicitei a produção textual com o tema relacionado ao desmatamento a luta para a preservação da Amazônia.

Dos 18 alunos matriculados, apenas dez compareceram no dia da aplicação da sequência didática, de modo que das dez (10) produções feitas, selecionamos cinco (5) para compor o corpus e dessas, optamos por transcrever três (3) para tomar como base para a análise. Optamos pela transcrição grafemática das produções, de modo a reproduzir, o mais próximo da fidelidade, a escrita dos alunos. A seguir apresentaremos os textos selecionados, além da análise acerca dos elementos observados.

4. ANÁLISE QUALITATIVA DOS TEXTOS PRODUZIDOS

Como já foi dito anteriormente, a turma alvo da pesquisa é multisseriada com alunos do 6º e 7º ano do Ensino fundamental II, composta por 18 alunos, sendo que

somente 10 desses alunos participaram da produção textual, enquanto que os demais faltaram no dia. Desses 10 alunos nenhum apresenta necessidades especiais comprovadas por laudo médico. Vejamos a transcrição dos textos e os comentários na sequência.

Texto 1 (aluno M.X)

1 Introdução: DeSMataR SigNifica RetiRaR a vegetação
2 De uM LocaL.EM gRaNDe PaRte, o DesMataMeNto é
3 causando por SeReS humanos
4 já No secúLo XVI. Havia iNteReNsse dos portugueses
5 DeSeNvolviMeNto: AtalMente, Restam menos de 10%
6 da cobertura oRigiNal da Mata AtLantica outras Árreas
7 e a FLoResta AMazôNica.
8 o ceRRado é o seguNdo BioMa Mas aMeaçado no
9 BRasiL cerca de 80% de sua aRéa oRiginal já Foi
10 aLteRada por atividades huMaNas, pRiNcipaLMeNte devido á...
11 ...iNteRNacioNaL –BRasiL. isso eQuivaLe a apciMada-
12 MeNte ...
13 O desMataMeNto também pode estar associado ás..
14 ocoRRer Na epóca das secas...
15 estaR ReLacionada a algumas pRaticas iRRespoNsaveis...
16 como saltar baloões, gogaR...
17 e de suma IMPORTacia...
18 coMcientização de pReseRva...

Nesse primeiro texto, podemos perceber que aluno procurou falar das causas do desmatamento da Amazônia de forma geral e do quanto ela vem sendo destruída de forma rápida e sem controle, causando estragos enormes para o meio ambiente, demonstrando que o aluno compreendeu o objetivo da atividade.

Com relação os aspectos formais é possível observar que o aluno tem dificuldade para diferenciar letras maiúsculas e minúsculas (Ex.: desMataMeNto) e apresenta algumas trocas de letras (Ex.: apciMadaMeNte), falta ou acréscimo de letras em algumas palavras (Ex.: IMPORTacia; baloões). Além da falta de acentuação em determinadas palavras e a ultrapassagem da margem do caderno, assim como a pontuação inadequada em alguns trechos do texto. É curioso notar que o aluno escreveu no texto “Introdução” e

“Desenvolvimento”, provavelmente por querer seguir fielmente as instruções do professor, na ocasião da explicação. Também é possível notar a presença de alguns trechos de informações dadas na aula sobre o desmatamento, informações essas que o aluno julgou importante e decidiu colocar no texto.

Embora o assunto proposto pela professora tenha sido tratado no texto, há inúmeros problemas de ordem formal, que apesar de recorrentes, não prejudicam totalmente o entendimento da escrita, ainda que a leitura seja truncada. A seguir veremos o texto 2 produzido pelo aluno M.G.V.

Texto 2 (aluno J. A.)

- 1 A FLORESTA E CEUS DESMATAMENTO
- 2 A FLORESTA AMAZÔNIA E DAS MAIOR DO MUNDO
- 3 AVE POSSUI E SUL TEM BIODIVERSIDADE TEM TUDO
- 4 DE PLANTAS ANIMAU.
- 5 O SOLO, RELEVO E COMO ANATURESA SEM MOVINTA
- 6 OS SERES HUMANO TEM AUBRIGASÃO DE DESMA-
- 7 TALO PORQUE ELE PRICISAR SOBREVIVER AUGUS MAS
- 8 TEM UNS QUE NÃO E AI INGUINORANCIA AJIM
- 9 DE FORMA INACEITAVEU.
- 10 OS SERES HUMANO QUE DERROBA OPARA SOBREVIVER
- 11 E COM INTENÇÃO DE ECONOMIA DE SEUS SUSTENTO
- 12 DA FAMILYA FLORESTA MUITO LEGAL SOS.
- 13 PESSOAS PARAREM PARA PERCEBE E OLHAR OBSERVAR
- 14 AFLORESTA, MUITO IMPORTANTE PARA A VIDA DOS SERES
- 15 HUMANO.
- 16 OS SERES HUMANOS
- 17 DESMATAMENTO VAI ACABA COM A NOSSA FLORESTA
- 18 POR QUE QUANDO AS PESSOAS VÃO QUEIMAR ELAS
- 19 NÃO TEM CONCISENCIA ELAS SSO PENSA DERROBA
- 20 OU DESMATALO MAS NÃO E ASSIM QUE FUNCIONA.
- 21 ISSO CAUSA MUITO OBSTACULO PARA A VIDA
- 22 NATUTURA E SOCIAL.

O texto 2 do aluno J.A apresenta praticamente os mesmos problemas presentes no texto 1, como ausência de acentuação, pontuação inadequada em alguns trechos, além dos problemas na ortografia, provavelmente oriundos de alguma falha no processo de alfabetização, como a grafia “ANIMAU” (linha 4) ao invés de “animal” e presença de

marcas oralidade como em “INGUINORANCIA” (linha 8). Neste texto, o aluno teve dificuldades no encadeamento dos enunciados, talvez por ter pouca destreza na escrita de textos que exigem maior habilidade, sobretudo, textos naqueles que exigem a exposição de um posicionamento.

Chamou nossa atenção neste texto, o não uso da letra cursiva e o uso na íntegra do que chamamos de caixa alta ou letra de forma. Essa dificuldade costuma aparecer em textos de alunos que estão no processo de aquisição das convenções da escrita. Destacamos também o uso da letra “y” em família (linha 12) no lugar do “i”, o que nos leva a crer que ainda que esse aluno tenha sido submetido a algum processo de falha no momento do processo de alfabetização, essa falha não afetou totalmente a consciência fonológica, pois este aluno sabe que os grafemas “y” e “i” possuem o mesmo som. Por outro lado, a presença da grafia de “ANATUREZA” (linha 5) e “UBRIGASÃO” (linha 6) demonstra que esse mesmo aluno ainda tem dificuldades para segmentar determinadas palavras e nesse e nos outros casos cabe a oportuna intervenção do professor. A seguir veremos o texto do aluno P.V.

Texto 3 (*aluno P.V*)

- 1 tema = o desmatamento na amazônia
- 2 a amazônia
- 3 a onça pintada ainda ta ameaçada abaixo do
- 4 rio amazônia e a metade da anfrica 3h quando
- 5 do si a onça silmei de desenvolvendo bem ele prepara.
- 6 cor o omedalha e a interia chamo de tragem uma
- 7 fiernio onça no final de desenbro e a chuva
- 8 com toda força as animais que vuusno rio ama-
- 9 zônia e a mair resevatorio de agua uma dia nagem.
- 10 nu mundo trasfomado a femia nada por que-
- 11 o riuna em aria de eceramento hoje em
- 12 em um tatu de 15 quilo os mato tim espinho um
- 13 campo de balanho ou venenos do sapo vermelho as
- 14 predadores seginii ficam primeira tinha que sibir no
- 15 fim barros e as especie de metacionamento um hectar-
- 16 otrai abelha e as beija-flor as plantas essas
- 17 podem batias as assas 80 50, iam são otrando hectar-
- 18 da flores e durante o chuva arvitoria-regi-

19 ão ia seguanda folha maio do mundo e mais de
20 1500, desses animais finam a que 43 quadrado pode
21 porui 40 especies a formiga da inbauba as opera-
22 rias fracalgos e çur albi eatiga seu alua e cumaru
23 50 sevi para mordida de cobra madeira valhiosa
24 do cumaru ohomem não pode sim um mei dessa selula
25 mais pode reinar com uma serca de 20 pusemento
26 do amazônia fai desmatado o gavião real inovu
27 para criar e unico filhote amazânia e cheia de
28 pergunta e cheio de resónta explicar.

Como é possível observar, o texto 3 é o mais problemático, pois a leitura é totalmente confusa, demonstrando que o aluno não consegue expressar suas ideias de forma clara, dificultando uma possível compreensão (é preciso reler o texto várias vezes para entender alguns trechos). Além da falta de coerência que compromete o entendimento do texto, ainda temos os mesmos problemas de ordem ortográfica, a falta ou acréscimo de letras e a ausência de acentuação em algumas palavras.

Apesar dos graves problemas presentes no texto 3, podemos perceber que o aluno tentou apresentar uma série de informações, como: a) animais silvestres ameaçados; b) O rio Amazonas como o maior reservatório de água do mundo; c) 20% da Amazônia já foi desmatada. Essas informações têm origem no vídeo apresentado pelo professor e, aparentemente, foram memorizadas e transcritas pelo aluno, por julgar que elas guardam relação com a tarefa e por isso deveriam constar no texto.

De modo geral, é perceptível que os alunos, aparentemente, sabiam o que queriam escrever, o problema é a forma como eles executaram a tarefa, com ideias muito confusas, sem contar com os problemas específicos relativos às convenções da escrita e que deveriam ter sido sanados na fase de alfabetização. Nos três textos também temos sérios problemas quanto à paragrafação, pois é difícil perceber a presença de parágrafos, fazendo com que o texto vire um bloco ou “tijolão” de frases. Fávero *et al* (2012, p. 28) trata da importância da paragrafação:

Em termos práticos, os parágrafos podem ser identificados por recursos visuais: espaço de entrada junto à margem esquerda ou linha em branco na passagem de um parágrafo para o outro. (...) Quanto à estrutura, o parágrafo padrão organiza-se como um pequeno texto (microtexto), apresentando introdução, desenvolvimento e conclusão.

Ao analisar os textos, constatamos o quanto é complexo o trabalho com a escrita e os fatores que levam a interferir no processo de aprendizagem dos alunos, quando se trata da escrita e leitura. Nos textos apresentados podemos perceber que cada aluno se encontra em um nível diferente de aquisição e aprimoramento da escrita, de modo que em uma mesma sala de aula temos alunos com dificuldades maiores e alunos com menos dificuldades. Dessa forma podemos agrupar os alunos em dois grupos, com base na proficiência: a) grupo 1: proficiência regular; b) grupo 2: proficiência insuficiente. Cada grupo precisa ser submetido à atividades diferenciadas e que explorem as dificuldades apresentadas, tal qual um médico que tem à sua disposição um diagnóstico e precisa indicar as medidas profiláticas.

Diante das observações feitas para a realização dessa pesquisa, acreditamos que é preciso que os alunos dessa escola tenham também um acompanhamento maior por parte dos professores e gestores, especialmente no que diz respeito ao letramento, com a implementação de projetos de leitura e a aplicação de atividades diferenciadas que ajudem os alunos a superar as dificuldades na escrita.

É preciso que a escola em si reveja suas práticas pedagógicas, uma vez que, continuam batendo na mesma tecla, sem se dar conta que o problema é crônico e se prolonga até o Ensino Médio, isso se esse aluno não desistir antes (situação que ocorre na maioria das vezes). Não adianta passar vários conteúdos apenas para cumprir o currículo se o aluno não consegue escrever com o mínimo de proficiência e nem entende o que lê.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa realizada, foi possível observar que a dificuldade da escrita é um problema recorrente nos textos dos alunos, não só nos textos que foram selecionados na pesquisa, mas da maioria dos alunos que estudam na E.M.E.F Diogo Martins.

Observa-se ainda que a prática da leitura e da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental não está sendo realizada de modo efetivo, talvez por falta de apoio da gestão escolar e de um maior acompanhamento das famílias, no sentido de cobrar melhorias para a escola. Essa situação causa sérios problemas, como a desistência de alguns (evasão), a desmotivação e desinteresse pelos estudos. É preciso quebrar esse ciclo.

Efetivamente, para sanar gradualmente essas dificuldades observadas no texto é preciso que o professor da área de linguagens faça um trabalho duplo: realizar as atividades de leitura, escrita e reescrita com todos os alunos e com aqueles alunos que apresentam as dificuldades acentuadas, como as que foram mostradas neste artigo, é preciso que seja feito um trabalho com os pré-requisitos, como leitura de textos mais simples, dos mais variados gêneros, produção de textos de menor e maior complexidade, com uso de metodologias diferenciadas e com recursos didáticos lúdicos que ajudem os alunos com maior dificuldade a acompanhar a turma. O ideal é que esses alunos realizem essas atividades no contraturno e que o professor registre, em uma espécie de portfólio, o avanço (ou não) de cada aluno.

Enfatizamos também que a escrita de textos deve ir além da simples produção com base em um assunto brevemente discutido em sala e elaborado em um curto espaço de tempo. É preciso refletir, reconstruir, revisar e reescrever, pois dessa forma o aluno compreenderá que a escrita é um processo de construção que requer uma atenção maior e que ele não “nasce” pronto.

É importante destacar que essas dificuldades de escrita e de leitura que os alunos apresentaram na pesquisa, não está presente só na E.M.E.F Diogo Martins, mas em muitas escolas do meio rural, e que alguns fatores contribuem para isso, como a falta de material didático adequado, a fragilidade dos vínculos empregatícios dos professores, ausência de planejamento integrado e a falta de acompanhamento do Projeto Político Pedagógico, que deve ser construído junto às famílias e a comunidade escolar.

Infelizmente, a escola não dispõe de uma biblioteca que seja acessível para os alunos, o que faria com que eles tivessem um maior contato com a leitura. Falta um acompanhamento de uma equipe pedagógica, além de uma boa infraestrutura escolar. Isso, somado ao descaso que as escolas do meio rural sofrem, apesar do investimento em educação no município de Gurupá, parte dos recursos acabam sendo desviados por gestores corruptos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Censo Escolar 2018**. Brasília: Ministério da Educação/INEP, 2020. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/censo-escolar> > Acessado em 13 jul 2020.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização sem bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Campus Universitário de Altamira.**

Altamira: Faculdade de Etnodiversidade, 2017. Disponível em <
<http://www.facetnoaltamira.ufpa.br/index.php/ppc-edcampo>> Acessado em 3 jun 2020.

FÁVERO, Leonor Lopes *et al.* **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.** São Paulo: Cortez, 2012.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo.** São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados, 1989.

QEDU. **EMEF Diogo Martins.** São Paulo: Fundação Lemann, 2020. Disponível em: <
<https://www.qedu.org.br/escola/11363-emef-diogo-martins/sobre>> Acessado em 13 jul 2020.

SIMÕES, Darcilia. **Considerações sobre a falta e a escrita.** São Paulo : Parábola Editorial, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Angela Paiva. **Fala e escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.